

Onde tem cisterna, tem vida: a resistência do quintal de Miúda

“A gente planta, a gente colhe, a gente come. Tudo nosso. Não é pouca coisa, não.” A fala de Dalceni Alves Brito, mais conhecida como Miúda, resume com simplicidade e firmeza o que significa viver da terra no Semiárido brasileiro. Aos 55 anos, a moradora da comunidade de Passagem da cobra, em São José do Egito, no Sertão de Pernambuco, diz com orgulho que vive da agricultura familiar desde menina por conta dos seus pais.

Casada há 35 anos com José de Lima Brito, Miúda construiu uma vida inteira baseada no trabalho compartilhado com o marido. “Quando nos casamos, não tinha nem onde morar. Tinha o terreno, mas a casa não era feita. Fomos trabalhar pra fazer e levantamos”, lembra. Criaram juntos três filhos e tudo o que possuem hoje foi fruto de muito suor e dedicação.

A virada de chave na vida da família aconteceu com a chegada da cisterna calçadão, construída pela Diaconia por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da ASA – Articulação Semiárido Brasileiro. A tecnologia social permite captar a água da chuva por meio de um calçadão de cimento e armazená-la em uma cisterna de 52 mil litros. Essa água é usada para irrigar hortas, quintais, pomares e alimentar os animais, garantindo mais segurança alimentar, autonomia e dignidade às famílias agricultoras.

“A água era salgada, minha filha. Agora, com a cisterna do calçadão, a água é doce. Agora é só cuidar para manter.” A cisterna foi construída em dezembro de 2024, e desde então transformou completamente a produção da família. “Plantei cana, coentro, mamão, melancia, batata, macaxeira, jerimum. Verdura aqui a gente não compra. É tudo da gente. Tem galinha, ovo, gado. A gente faz ração inclusive para os animais”. Por semana, ela produz 50 moi de coentro, na comunidade ela é conhecida como a mulher do coentro.



Com os recursos complementares do projeto, Miúda comprou dez galinhas poedeiras, seis ovelhas e reforçou a produção com uma chocadeira de 90 ovos. “Saía até 70 pintinhos, eu criava e vendia. Já fiz muito com esse dinheirinho, viu?”, conta. Ela também investiu no sistema de gotejamento para irrigação, comprando mangueiras e canos com o dinheiro que juntou vendendo coentro. “Começamos a plantar milho. Você planta, aí tem aquela água pra você aguar. Quando chove, já tá preparado.”

O quintal de Miúda é exemplo de fartura e organização. “Eu tenho mais de duzentas torceiras de canal! Cada uma com vinte canas. Dá pra sustentar uma vaca por dia se quiser.” Tudo isso, segundo ela, foi possível graças à presença da cisterna.

As formações com a Diaconia também contribuíram para melhorias no plantio e nos cuidados com a terra.

“Aprendi a fazer carreirinha na horta, coisa que eu não fazia, era tudo adoidado. Agora faço tudo bonitinho. Tem até farmácia viva ali, com capim santo e outras ervas.”

O aprendizado, como ela diz, não foi só técnico, aprendeu como cuidar da cisterna e da água para não haver desperdício.

A história de Miúda representa a força e a resistência das mulheres do Semiárido. Ela, que nunca parou de trabalhar, diz que o que a move é o gosto de cuidar da terra. “Se eu parar, eu adoço. Vou ficar dentro de casa sem trabalhar? Enquanto eu tiver podendo pisar no chão, eu trabalho.” No sertão de Miúda, o que brota é muito mais do que verdura. É exemplo, é esperança e é certeza de que o Semiárido dá certo quando tem apoio, política pública e gente como ela. A mulher que o tempo não cansa.

